
PREFÁCIO

Márcia Lima¹

É uma enorme alegria apresentar o livro *Segregação Racial em São Paulo: Residências, redes pessoais e trajetórias urbanas de negros e brancos no século XXI*, de Danilo França. Tive o privilégio de orientar o autor no mestrado e no doutorado, acompanhando, dessa forma, toda sua formação intelectual sintetizada nesta importante investigação.

O livro é o resultado de sua pesquisa de doutorado que recebeu o prêmio de melhor tese do Programa de Pós-graduação em Sociologia da FFLCH-USP. O autor também foi agraciado com a menção honrosa no *Prêmio Tese Destaque USP*, promovido pela Pró-reitoria de Pós-Graduação.

O que distingue a pesquisa de Danilo França? Trata-se, sobretudo, de um estudo muito bem fundamentado teoricamente, com dados de excelente qualidade e uma cuidadosa interpretação de resultados. Seus achados, sem dúvida, uma grande contribuição para a consolidação de uma nova abordagem sobre o fenômeno da segregação residencial e seus efeitos nas desigualdades raciais brasileiras.

Danilo França abre este livro com uma assertiva: “*A segregação residencial por raça é um fenômeno existente na metrópole paulistana, e também um elemento muito significativo para a estruturação das hierarquias raciais no contexto urbano da região metropolitana de São Paulo*”. A princípio pode parecer que se trata de mais um estudo que corrobora as desigualdades raciais vigentes no país. Entretanto, considerando o acúmulo dos estudos sobre segregação, essa afirmação demonstra que seu trabalho traz importantes avanços para o debate. Baseado em evidências empíricas construídas com muito rigor, o autor se contrapõe à interpretação dominante que considera o tema da segregação residencial de menor importância para a compreensão das relações raciais uma

¹ Professora do Departamento de Sociologia da FFLCH-USP, pesquisadora associada ao Cebap onde coordena o Afro-Núcleo de Pesquisa e Formação em Raça, Gênero e Justiça Racial.

vez que, nas cidades e metrópoles brasileiras, o que prevalece é a segregação por classe social.

Tendo como recorte empírico a Região Metropolitana de São Paulo, Danilo França demonstra que a segregação residencial é uma dimensão estruturante das relações raciais. Suas análises identificam uma menor segregação racial nos estratos sociais mais baixos e indicadores muito mais expressivos nos estratos médios e altos, confirmando os achados de outros estudiosos que identificam maior rigidez racial nos estratos sociais médios e altos.

Seu argumento está muito bem delineado nos quatro capítulos da obra baseados em dados quantitativos e qualitativos, outra virtude da pesquisa. Nos dois primeiros capítulos o autor dedica-se à investigação de cunho quantitativo. Para isso revisita a literatura nacional e internacional sobre o conceito de segregação e suas diferentes operacionalizações. Um dos pontos altos desse capítulo é o diálogo com a literatura estadunidense em que procura demonstrar que a interpretação sobre o baixo impacto da segregação residencial na configuração das desigualdades raciais brasileiras advém da comparação com as cidades norte-americanas. Danilo França nos demonstra com clareza e solidez as limitações dessa comparação apontando que é preciso entender esse fenômeno considerando a história e o contexto das relações raciais de cada país. E deste ponto de vista, a segregação residencial brasileira tem muito a contribuir para o entendimento das nossas desigualdades raciais. A prova disso é o crescente debate sobre a composição racial das periferias brasileiras e seu impacto no acesso a bens, serviços e direitos.

No segundo capítulo, a partir dos dados censitários de 2000 e 2010 para a região metropolitana de São Paulo, o autor aplica diferentes modelos analíticos para demonstrar que, no caso observado, trata-se de segregação residencial por raça e classe. O seu amplo domínio das técnicas quantitativas lhe permite demonstrar que negros e brancos de classes médias e alta residem em áreas distintas da metrópole e, além disso, o grupo branco se encontra muito isolado e distante dos demais grupos. Embora a classe seja uma variável importante, sem a dimensão racial não é possível entender de forma adequada a segregação residencial da região.

Embora as evidências empíricas apresentadas pela pesquisa quantitativa já signifiquem um avanço importante nos estudos sobre o tema, Danilo França se propõe a ir mais fundo e perguntar de que forma o local de residência dos indivíduos pode ampliar ou limitar suas relações. Para tratar desse ponto, o autor se dedica, no terceiro capítulo, a um profícuo diálogo com as teorias sociais sobre estratificação, raça e espaço urbano. Essa literatura lhe permite dar sentido às questões evidenciadas pela análise quantitativa e ainda lhe fornece o arcabouço

teórico da parte qualitativa da pesquisa. É digno de nota o tratamento dado a tese weberiana sobre classe e estamento para entender segregação.

Filiando-se às novas perspectivas analíticas no campo da segregação, o autor procura, no quarto capítulo, entender o deslocamento dos indivíduos e as formas de construção de suas redes de relações a partir do seu local de moradia e do pertencimento racial, constituindo o que o autor nomeia de “territórios de práticas e relações”. Baseado em entrevistas semiestruturadas e do levantamento de redes egocentradas, o capítulo se dedica a entender como que pessoas negras e brancas de classe média, relatam suas experiências nos territórios e como seus locais de moradia afetam a sua circulação na metrópole. O processo de racialização dos territórios e a configuração das desigualdades intrametropolitanas são temas cada vez mais centrais não apenas para os estudos das relações raciais, mas também outras áreas de pesquisas como a sociologia urbana e a sociologia da violência.

Considero que este livro apresenta muito mais do que os resultados de uma tese de doutorado. Ele é fruto de pelo menos uma década de muito investimento intelectual, dedicação e disciplina, qualidades que fazem deste trabalho e de seu autor referências importantes para a agenda de pesquisas sobre desigualdades raciais no país.

Boa leitura!

São Paulo, 18 de janeiro de 2022.

